

PIBID: reflexões da primeira experiência com anos iniciais

PIBID: reflections upon the first experience with primary school

Cláucia Aline Wermeier¹

Tatiele Dietrich²

RESUMO: O presente trabalho apresenta reflexões acerca da aprendizagem de alunos de primeiro e segundos anos do Ensino Fundamental que estão participando do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, Subprojeto Pedagogia. Apresentar-se-ão as maiores dificuldades enfrentadas pelos alunos, bem como algumas estratégias de auxílio na aprendizagem. Também serão abordados alguns aspectos teóricos a respeito dos processos de alfabetização e letramento, relacionando-os com nossa prática docente.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. PIBID. Reflexões.

ABSTRACT: The present article presents reflections upon the learning process of first and second grade students at a Primary School who take part in the Institutional Program of Scholarships for Teaching Initiation (PIBID), Education Subproject. The greatest difficulties faced by students will be presented, as well as some strategies to help their learning process. Some theoretical aspects concerning the literacy processes will also be discussed, relating them to our teaching practice.

Keywords: Literacy. PIBID. Reflections.

1 PLANEJANDO A PRIMEIRA AULA

Desde muito pequenas, as crianças já manuseiam livros e estão em contato com o mundo das letras e das histórias. O gosto pela leitura dá-se pelas experiências que o sujeito adquire ao longo de sua infância. Portanto, em uma sociedade letrada, a escola desponta como um dos ambientes no qual o infante pode elaborar estratégias de compreensão e apropriação do Sistema Alfabético de Escrita. Entretanto, enquanto algumas crianças iniciam suas aprendizagens sem pedir a autorização dos adultos, outras dependem de um trabalho pedagógico intenso de seus professores para transitar nesse universo conceitual.

Para Soares (2003, p. 3), “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e faça parte da vida do aluno”. Assim, as práticas de letramento precisam estar de acordo com a realidade dos alunos, dando-lhe sentido e significado.

A alfabetização não deve estar separada do letramento. Ela integra o primeiro de muitos níveis de letramento e constitui-se como um processo intencional e sistemático de aprendizagem da língua escrita, desenvolvido pela escola.

Pensando em potencializar a aprendizagem dos alunos, deve-se introduzir o letramento através de práticas de leitura e práticas de escrita em contextos reais de uso na sociedade. Com um movimento metodológico diferente das tradicionais práticas artificiais, que muitas vezes não faz o aluno refletir sobre sua leitura ou suas produções escritas, talvez possamos alcançar o sucesso na aprendizagem que tanto almejamos.

Nesse sentido, cabe à escola proporcionar atividades diversificadas que contemplem o entendimento de como é constituído um texto e o que significa ler e escrever. Assim, se é preciso que as práticas estejam ligadas à realidade dos alunos, faz-se necessário diversifi-

¹ Estudante do curso de Pedagogia do ISEI, bolsista do PIBID-ISEI. E-mail: claucialine@gmail.com.

² Estudante do curso de Pedagogia do ISEI, bolsista do PIBID-ISEI, professora na Escola de Educação Infantil Gente Miúda, de Lindolfo Collor. E-mail: tati_dietrich@hotmail.com.

car os gêneros empregados nas atividades escolares e que estão diretamente ligadas ao cotidiano infantil, tais como: receitas, lista de compras, rótulos, cartas, entre outros.

A aprendizagem de leitura e escrita não deve estar presente apenas na escola. Fora dos muros da escola, os alunos também empregarão suas capacidades linguísticas, incorporando novos conhecimentos e interagindo com o meio que os cerca a fim de transformá-lo. Libâneo (2008, p. 17) afirma que

a prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade.

E, se é fundamental letrar alfabetizando em um contexto de práticas significativas, este artigo se propõe a pensar que práticas podem efetivamente auxiliar alunos com dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita.

2 PRIMEIRAS PERCEPÇÕES DA PRÁTICA NO CONTEXTO DO PIBID

Como alunas integrantes do PIBID, iniciamos nossa experiência com turmas de primeiros e segundos anos do Ensino Fundamental em uma escola pública de um município da Encosta da Serra Gaúcha. No momento inicial, planejamos o encontro, pensando em atividades que pudessem nos mostrar o caminho a seguir com mais confiança. O planejamento minucioso das atividades deu o suporte necessário para que pudéssemos organizar a ação docente. A esse respeito, Libâneo (2008, p. 222) afirma que “o planejamento é uma atividade de reflexão acerca de nossas opções e ações”. Ampliando a dimensão dada por Libâneo e Schön (2000), ressaltam que a reflexão dá-se em três instâncias:

- a reflexão para a ação através da elaboração do planejamento;
- a reflexão durante a intervenção pedagógica, captando necessidades e características singulares de cada aprendiz;
- a reflexão sobre a ação com vistas a retroalimentar e redimensionar a ação docente.

Sentimos essa necessidade porque, apesar de já conhecermos a escola e alguns professores, pois frequentamos nosso Ensino Médio lá. Nesse momento, entraríamos

na escola com uma nova postura: de alunas agora seríamos professoras. Estávamos ansiosas para conhecer nossos alunos, sendo essa uma faixa etária totalmente diferente da que estávamos acostumadas a trabalhar, pois a nossa prática até então havia sido somente com classes de Educação Infantil. Nossas dúvidas eram: como os alunos nos receberiam? As atividades pensadas para cada encontro seriam bem aceitas por eles? E, nesse caso, obteriam uma boa repercussão em sua aprendizagem?

Essa sensação começou a se dissipar à medida que alguns encontros se concretizaram, e podemos nos sentir bem recebidas pelos funcionários, professores, diretores e coordenação. Os alunos também nos receberam muito bem, com sorrisos, demonstrando estar alegres com a nossa presença, o que nos deixou mais tranquilas.

No início dos trabalhos, percebemos que mesmo algumas crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental não conseguiam reconhecer a letra inicial do próprio nome. Inclusive um menino estava muito inseguro e até encheu os olhos de lágrimas quando pedimos que falasse seu nome e a sua idade. A partir dessa percepção inicial, ficamos assustadas para assumir tal responsabilidade, mas sentimos que eles precisavam de um maior apoio em suas aprendizagens.

Realizamos a prova das quatro palavras e uma frase de Emilia Ferreiro para diagnosticar em que nível de escrita cada criança se encontrava. Através dessa prova de leitura e escrita pudemos perceber que as crianças tinham muitas dificuldades e “chutavam” as letras que escreviam ou simplesmente diziam que não sabiam escrever. A partir do que constatamos, procuramos desenvolver atividades que estimulasse os alunos a reconhecer as letras do seu próprio nome e as iniciais de algumas palavras. E ainda dinâmicas para que as crianças se sentissem mais seguras com as novas professoras.

Confeccionamos com os alunos crachás com seus respectivos nomes, os quais foram utilizados durante a chamada. Os próprios alunos decoraram seus crachás de acordo com o seu gosto, escolhendo os elementos que mais lhes chamaram a atenção, deixando-os bem coloridos. Acreditamos ser muito importante que os próprios alunos façam suas escolhas acerca de objetos que serão por eles utilizados, pois desse modo, além de desenvolver a autonomia, fazem operações mentais e constroem conhecimentos. A fotografia 1 ilustra uma aluna fazendo as escolhas dos elementos que utilizou na construção do seu crachá.



Fotografia 1: Construção do crachá
Fonte: Fotografia tirada com a câmera das pibidianas

Após alguns encontros, levamos para a sala de aula um saco de TNT no seu interior havia brinquedos e outros objetos. Começamos contando uma pequena história intitulada *Era uma vez uma menina que adorava passear pela cidade*. O objetivo da dinâmica era estimular os alunos a criar a sua história, passando de leitores a autores. A turma estava bastante empolgada com a construção do texto, criaram personagens e sugeriram várias frases para complementar a história. Sabemos o quanto importante é estimular os alunos a criar seus próprios textos, pois, segundo os PCNs (BRASIL, 1997c, p. 28), “um aluno que produz um texto, ditando-o para que outro escreva, produz um texto escrito, isto é, um texto cuja forma é escrita ainda que a via seja oral”. Desse modo, além de se tornarem autores de seu próprio texto, os alunos exercitaram a imaginação, construíram hipóteses e criaram alternativas no processo de sua aprendizagem.

Em alguns momentos, trabalhamos com atividades nas quais os alunos deveriam completar as palavras, nomeando as letras presentes e identificando as que estivessem faltando. A partir da leitura em conjunto, identificamos as palavras que precisávamos completar, facilitando a identificação das letras, pois alguns ainda não conheciam nem as nomeavam. Percebemos dessa forma que, ao auxiliarmos os alunos na procura pelas palavras, eles próprios as identificavam e obtiveram um crescimento muito significativo.

No decorrer dos encontros, construímos com os alunos um quadro para completar com palavras da poesia de acordo com o número de letras. Novamente realizamos a procura das palavras, bem como a contagem das letras e das palavras. Nessa atividade, os alunos já expressaram compreender melhor a composição das palavras, conseguindo identificar as palavras. Apenas

frequentemente questionavam se estavam realizando a atividade corretamente.

Na construção do conhecimento, a leitura e a identificação das palavras são de suma importância. As crianças aprendem através da escuta, do exercício diário da leitura e da escrita. Grossi (1990, p. 34) afirma que “[...] a aprendizagem da leitura e da escrita é que ambas estão correlacionadas intrinsecamente durante o processo”.

Sabemos da importância que a leitura e a escrita têm em nossa sociedade. Por isso, além dos parâmetros educacionais, pois é preciso levar em conta também os parâmetros sociais, econômicos e culturais. Nesse sentido, ao entender que a leitura consiste em um ato cultural, o docente precisa proporcionar momentos significativos de aprendizagem aos alunos.

Nas semanas seguintes, passamos a organizar o planejamento baseado na história “A Velhinha Maluquete”, de Ana Maria Machado. Ao pensarmos em uma nova história, pensamos também em novas aprendizagens. Desse modo, pensamos em novos meios de ensinar. A fotografia 2 ilustra a atividade de montar palavras que apareceram na história com peças de encaixe.



Fotografia 2: Aluno montando palavras com peças de encaixe
Fonte: Fotografia tirada com a câmera das pibidianas

Percebemos a importância da construção dos relatórios após cada encontro, pois é através deles que podemos notar muitos detalhes das nossas aulas e da maneira que reagimos diante de cada situação. Atentamos para cada atividade, se essa foi adequada ou não para os alunos, o que poderíamos ter feito diferente.

Observamos como a nossa mediação pedagógica poderia ter sido feita, encontrando uma maneira melhor de encaminhar os alunos. Com os relatórios diários analisamos atividades que alcançaram os seus objetivos e aquelas que devem ser reformuladas. Portanto, através das nossas reflexões, podemos mudar nossa maneira de agir e de ensinar, revendo nossas posturas. Nesse aspecto, Freire (2011, p. 40) destaca que

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Cabe destacar também a importância das experiências relatadas por cada colega do PIBID/ISEI, Subprojeto Pedagogia, que nos fazem sentir que vale a pena o empenho e que em cada grupo há diversidades a enfrentar. De igual relevância, destacamos as contribuições da nossa orientadora na elaboração dos nossos planejamentos. A partir de sua experiência com os anos iniciais, ela nos ajuda a escolher atividades e recursos instrucionais que são mais adequados para cada dificuldade apresentada, bem como a definir posturas adequadas para o contrato didático.

Percebemos que já construímos relações de carinho e afeto uns pelos outros. Somos recebidas com beijos e abraços e demonstrações de que sentiram a nossa falta. Notamos o quanto esse relacionamento afetivo é importante para que as aulas se tornem prazerosas e para que as crianças possam aprender. Exemplo desse incremento na relação afetiva é o aluno A, que alterou muito sua atitude em classe. Primeiramente, ele mostrava-se inseguro. Porém, nas últimas aulas, notamos que já está “aninhado” conosco e com os colegas. Presentemente, faz as atividades solicitadas, está sempre sorridente e não tem medo de fazer o que pedimos. Nessa direção, Girrotto e Lorenzet (2010) destacam que

para que haja aprendizagem, o vínculo professor e aluno precisa estar fortalecido. Primeiramente, o aluno deve alçar seu professor a um lugar de admiração, de modelo ideal, com identificação e fascínio pela relação pedagógica. E, em segundo lugar, o professor deve tratar seu aluno com respeito, despojado de todas as suas certezas, sem ostentar sua posição de “donos da verdade”, nem de onipotente, para aberto à curiosidade e às descobertas do aluno, numa relação horizontal, construir um processo de trocas de desejos, de aprendizagem.

As aprendizagens acontecem em diversos momentos, não necessariamente dentro da sala de aula.

Queremos mencionar uma aprendizagem que aconteceu na escada quando estávamos indo em direção ao refeitório. Pedimos que formassem fila, como sempre fazem com a professora titular. Na metade do caminho, percebi que as crianças estavam discutindo sobre a ordem na fila das meninas e na fila dos meninos. Para não obedecer ao critério de altura, estavam querendo formar uma fila em ordem alfabética. Então paramos no meio da escada para ajudar a organizar a fila conforme o interesse das crianças. Por vezes, pensamos que os deslocamentos são apenas momentos de menor importância. Mas os alunos nos provam o contrário: todos os momentos são para aprender.

Para a ampliação do desejo de aprender, confeccionamos jogos para todas as turmas. Destinados ao primeiro ano, foram construídos os jogos da **Trilha do Alfabeto** e **Jogo das Palavras** para auxiliar os alunos na identificação de letras. Com esses recursos, as crianças conseguiram palavras a partir de imagens.

Para os alunos do segundo ano foram confeccionados jogos para trabalhar as diferentes constituições das sílabas. Os jogos de **Quebra-Cabeças Silábico** e **Bingo Silábico** foram muito apreciados e disputados pelos alunos durante as aulas. Durante os jogos, os alunos sempre demonstravam satisfação, espontaneidade, demonstrando que é possível aprender através da brincadeira.

Além dos jogos, propusemos algumas produções textuais para o exercício da autoria textual e a apropriação da estrutura de textos de diferentes gêneros. Tais produções foram muito profícuas e permitiram que os integrantes dos grupos refletissem sobre o que haviam composto. Alguns conseguiram perceber que grafavam as palavras de acordo com a sua fala.

Há um grupo de erros na escrita que provém de erros da própria fala. Por exemplo, a criança escreve “o boi ‘tava’ comendo pasto”. O verbo “estava” está representando a forma com que a criança se expressa oralmente. Portanto, aprender a falar bem é tão importante quanto aprender a escrever corretamente.

Durante os encontros, sempre trabalhamos com a estrutura do texto trabalhado, identificação do título, identificação do (a) autor (a), também realizamos as contagens de parágrafos, estrofes, versos e frases. Nesses momentos, trabalhamos os animais presentes na história, assim também identificamos palavras-chave nos textos trabalhados. O reconhecimento de palavras presentes nos textos facilita a identificação das letras necessárias para a escrita, auxiliando na memorização das mesmas durante a escrita.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa experiência com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID obtivemos grande crescimento profissional e pessoal, bem como podemos proporcionar grandes aprendizagens aos alunos de primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental. Percebemos que é possível proporcionar aprendizagens às crianças através de atividades simples, como morto vivo, adaptando-a com palavras referentes ao projeto. Isto é, a aprendizagem também está nas pequenas coisas e em todos os momentos. Aos poucos, os próprios alunos foram trazendo suas sugestões e demonstrando interesse em ampliar seus conhecimentos.

Assim, a experiência no PIBID tem sido muito positiva. Em muitos momentos de nossa ação docente e nos momentos de reflexão, juntamente com nossa orientadora, construímos diferentes modos de proporcionar momentos significativos aos alunos. Consequentemente, a aprendizagem é proporcionada através do encantamento. O encantamento de ser e ter história: ser leitor, autor e personagem. Os alunos descobrem-se na história e podem descobrir quem podem ser.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. v. 1. Brasília : MEC/SEF, 1997a.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: matemática. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: português. v. 2. Brasília: MEC/SEF, 1997c.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1999.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

FREIRE, P. **A importância no ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIROTTI, J. C.; LORENZET, D. A alfabetização e letramento na prática pedagógica. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGENS, 4, 2010, Erechim. Disponível em: <http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_010/artigos/artigos_vivencias_10/p1.htm>. Acesso em: 21 out. 2014.

GROSSI, E. P. **Didática da alfabetização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2008.

LIBÂNEO; SCHÖN, D. **A formação de professores reflexivos**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2000.

MELO, T. T. M. **A alfabetização na perspectiva do letramento**: a experiência de uma prática pedagógica no 2º ano do Ensino Fundamental. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, MG, 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppge/files/2012/05/Terezinha-Toledo-Melquiades-de-Melo.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2014.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.